

Sintonizando com os ouvintes: retrato da participação dos cidadãos nos programas de opinião de pública Antena Aberta e Fórum TSF

Fábio Ribeiro

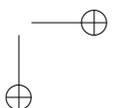
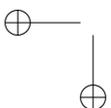
Universidade do Minho, Portugal

E-mail: fabiofonsecaribeiro@gmail.com

Resumo

Diversos estudos têm sublinhado a constante falta de interesse que a rádio desperta junto da comunidade científica especializada em comunicação (Antón & Serrano, 2007; Balsebre, 1994). Este será eventualmente um ponto comum entre os investigadores que se dedicam a reflectir sobre o meio radiofónico. O que eventualmente será difícil de encontrar um consenso reside na forma como poderíamos descrever o estado presente da rádio, no espectro geral dos meios de comunicação de massas. Para além do debate sobre a actualidade da rádio, centremo-nos num dos segmentos mais próximos da actividade deste *media*: a participação do ouvinte. Ora, é possível encontrar um conjunto de autores que confere especial relevo ao conceito de participação, sobretudo elevando-o à categoria de género radiofónico (Cébrían Herreros, 2001; Merayo Pérez, 2000). Tal facto denota a importância que a entrada da voz do cidadão imprime no contexto deste meio, reforçando uma certa pertinência por tentar compreender as lógicas associadas a este comportamento de interacção entre os ouvintes e a rádio.

Logo após circunscrever teoricamente as reflexões que são aqui tomadas como pretexto da intervenção do cidadão em programas de opinião pública na rádio, o trabalho que se desenvolve no presente artigo procura dar ânimo e estímulo a parte dos estudos radiofónicos que se dedicam a pensar sobre o envolvimento do cidadão nas produções deste *media*. Com efeito, os programas *Antena Aberta*, da estação pública RTP, e o *Fórum da TSF*, da emissora TSF Rádio-Notícias, concorrem, como assim poderíamos eventualmente assinalar, para um conjunto de reflexões onde serão expostas as eventuais diferenças e similitudes entre os dois formatos de participação do ouvinte, seguindo diversos critérios: desde a produção, às dinâmicas subjacentes, ou inclusivamente sobre as formas de participação disponibilizadas, entre outros aspectos. Com este estudo, pretende-se igualmente, analisar em que medida a rádio, no segmento particular da intervenção dos cidadãos, continua eventualmente dependente da ligação íntima que sempre desenvolveu com o telefone. Tal como o título da revista dá conta, esta-



remos, no caso específico dos programas de opinião pública radiofónicos, a transitar de um modelo irremediavelmente apoiado nos suportes tecnológicos? Até que ponto a tecnologia (re)configura novas percepções do espaço mediático da rádio, relativamente à produção de formatos destinados ao ouvinte?

Palavras-chave: rádio, participação dos cidadãos, programas de opinião pública

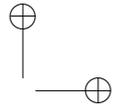
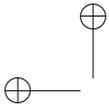
Tuning with the listeners: portrait of citizens' participation in the public opinion programmes Antena Aberta and Fórum TSF

Abstract

Several studies have been able to identify the constant lack of interest of the scientific community of communication towards the field of radio (Antón & Serrano, 2007; Balsebre, 1994). This is probably a common aspect in some of the researchers who have dedicated their work in order to discuss several questions posed to the radio as a mass media profoundly connected with the social ecosystem. Probably it is harder though to find identical perspectives regarding the current landscape of radio. Besides debating in certain way, how can we describe the actual state of this media, it is still important to focus on one of its historical characteristics: its connection with the telephone and, therefore, with listeners, as well as their eventual intervention. This has been a concern for some researchers as some of them have defined participation as a especial format or genre within radio productions (Cébrían Herberos, 2001; Merayo Pérez, 2000). This re-

presents the considerable importance that this concept has been able to gather in recent studies, as well as it contributes to reinforce the role of media institutions, in general, and radio, particularly, to draw efficient strategies to integrate citizens' intervention in a healthy and democratic way.

From some theoretical approaches, notwithstanding citizens' participation as a key concept of this paper, it will presented a case study which has basically tried to compare the dynamics of participation in two public opinion programmes in the Portuguese radio: Antena Aberta and Fórum da TSF. Hence these two formats will try to understand how Portuguese media productions are working presently to empower citizens to participate in these formats. Thus, some criteria have been drawn to establish this comparison, for instance, the available platforms to participate, selection of participants, schedules for the programme's



broadcasting, or subjects discussed. Following the title of this journal, how structured are these new technologies in order to foster citizen's participation in radio? Where is the actual place of telephone, which symbolized radio's first device of

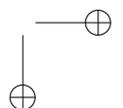
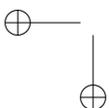
connection? Is it fair to suggest that all radio productions dedicated to citizen's intervention are now taking advantage of these new technological and communicative platforms?

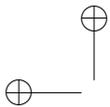
Keywords: radio, citizens' participation, audience discussion programmes

A actualidade da rádio, intimamente sintonizada com determinadas tecnologias avançadas de comunicação, tem motivado as mais distintas interpretações na comunidade académica que se dedica a estudar a comunicação radiofónica. Várias dessas aceções dividem-se pela crença na sua adaptabilidade a novas realidades e ambientes sonoros, ou pelos receios provocados por uma certa nostalgia em relação aos velhos tempos da rádio hertziana. A partir de alguns desses entendimentos, trazidos para este debate no sentido de ilustrar alguma variedade nestas considerações, poderíamos reflectir sobre a actualidade da rádio segundo dois pontos de vista, admitindo, contudo, que esta análise não esgota outras sensibilidades.

Por um lado, alguns autores referem-se à crise da rádio e, no limite, auguram a sua morte. A este propósito, Raul Garcés (2007) sublinha uma trilogia do 'alarme': desde o ponto de vista tecnológico, como novo paradigma que simboliza a atracção mais ou menos generalizada das rádios em adaptar-se aos circuitos que a técnica propõe; um alarme intelectual, que despreza o potencial publicitário da rádio e desvia grandes investimentos neste sector para outros *media*, como a televisão, colocando a rádio em situação precária; e, por último, um alarme no que toca à investigação científica sobre o mundo radiofónico, que demonstra igualmente a existência de poucos estudantes interessados em seguir a formação nesta área, em comparação com outras modalidades do jornalismo. Emma Rodero e Chelo Serrano (2007) também seguem a ideia de crise radiofónica, destacando diversos pontos, entre eles a homogeneização da programação, unificação de conteúdos e formatos, ou até mesmo a inexistência de uma promoção eficaz e coerente ¹.

1. Podemos sublinhar outras perspectivas. Um trabalho publicado em 2008 pelo OBERCOM (Observatório da Comunicação) em Portugal, demonstra que a rádio tem sido o meio





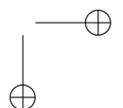
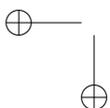
Por último, uma perspectiva que liga claramente a rádio ao paradigma técnico actual. Ibarra considera que «o fenómeno digital não é o armagedon» (2007:1), ou seja, o fim do mundo. O investigador sublinha a crença numa certa plasticidade a uma nova paisagem sonora que trará novos ouvintes, através da democratização que tem vindo a acompanhar a evolução tecnológica. Apesar de ainda restarem algumas dúvidas quanto ao acesso e ao *digital divide* (Putnam, 2000) – um debate que, aliás, tem percorrido a última década - a rádio não deve ficar ausente destes novos espaços, considera Ibarra. A este propósito, Laurent Gago (2004) sublinha igualmente que a rádio da actualidade, profundamente enraizada com o digital, imprime um ‘novo contrato de escuta’, sobretudo através das possibilidades de seguir a actividade deste *media* a partir de diversas plataformas tecnológicas modernas. Provavelmente, não poderíamos deixar de assinalar determinados constrangimentos, por exemplo, económicos que impedem, por um lado, algumas rádios locais de adaptar as suas rotinas aos fundamentalismos tecnológicos e, por outro, certas classes sociais que ainda não conseguem adquirir tais meios, pese embora uma tendência na democratização dos *mp3*, *Ipod*, etc, sobretudo com a descida de preços em muitos destes equipamentos. No fundo, parece que existe uma margem que fica sempre no silêncio, na sombra.

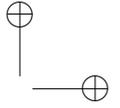
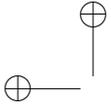
Entre a crise na rádio ou a crença no enquadramento sonoro digital como alavanca eventualmente decisiva para o ressurgimento deste *media*, parece de certa forma pacífico considerar que o ouvinte terá, por seu turno, um papel decisivo na estruturação deste caminho futuro. Neste sentido, será determinante compreender como será processada uma eventual reconstrução de ambientes sonoros que apelem a um novo dinamismo com as audiências.

A participação como género radiofónico

No contexto das reflexões aqui trazidas sobre a actualidade da rádio, reportamo-nos a uma das características que tem passado quase incólume durante a

– de todos os tradicionais (imprensa, televisão) – que melhor soube adaptar as suas características inatas com as potencialidades da Internet. Neste sentido, o presidente deste organismo admitiu que recentemente a rádio «foi o *media* que mais êxito teve em termos de investimentos na Internet. Consegue igualmente fidelizar muitas pessoas. A rádio está mais vida que nunca» (http://jn.sapo.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1527471).

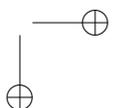
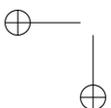




sua história: a ligação com o telefone e os ouvintes. Modificado na aparência e nas funcionalidades que permite, o telefone simboliza a ligação ontológica da rádio com os seus públicos e elemento decisivo para parte daquilo que poderia ser descrito como a participação dos ouvintes. Neste sentido, daremos especial atenção ao conceito de participação, principalmente no contexto de interacção entre a emissora radiofónica e o ouvinte, através das plataformas disponíveis (telefone ou recursos tecnológicos *online*), em sede de programas de opinião pública.

Mariano Cébrian Herreros sintetiza os géneros radiofónicos em cinco tipos: ficção, realista ou informativo, publicitário, musical e, finalmente, humor e educativo. Para o autor, «o género mais desenvolvido é, sem dúvida, o informativo, sobretudo porque tem adquirido um destaque pela atitude expositiva ou de relato, persuasiva, com recurso a testemunhas apelativas» (2001:123). Merayo Pérez sugere, porém, a participação como um género radiofónico: «o género participação tem modalidades, estrutura e fins definidos, pode operar com autonomia relativamente a outros géneros e está plenamente consolidado na radiodifusão de muitos países» (2000:223). Logo após justificar a pertinência da questão da participação como género, o investigador concretiza um pouco melhor a ideia, na medida em que «enquanto género radiofónico, entende-se por participação aquela estrutura discursiva que tem como fim principal tornar público o contacto imediato e particular que se estabelece entre o sujeito emissor da comunicação e determinado ouvinte individual». Sublinhado a importância da voz como elemento decisivo na participação, Merayo Pérez afirma que «o género participação pode actuar como participação essencial, isto é, género principal do programa ou da secção radiofónica» ou então como «uma participação complementar, integrando-se no programa ou secção sem chegar a ser constitutivo imprescindível» (2000:229).

Regressando ainda a algumas das considerações de Cébrian Herreros, também é possível perceber a defesa de uma 'rádio participada', na qual os cidadãos possam ter, de facto, uma voz presente. Nesse sentido, o autor retoma alguns dos fundamentos teóricos de Bertold Brecht, orientadores da sua reconhecida obra *Teoria da Rádio* (1927-1932), propondo uma «rádio democrática (...) um espaço dos processos comunicativos dos cidadãos, mediante diálogo e de debate, com um enfoque plenamente plural na sua relação com o social, político, económico, ideológico ou cultural, com especial atenção para com-



binar este serviço entre as maiorias e as minorias, com uma certa relevância para a sociedade» (2007:205).

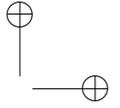
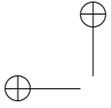
A partir de uma concepção pró-participação, encarrega-se o presente estudo de tentar contribuir para uma contextualização das lógicas e dinâmicas que actualmente se praticam em programas de opinião pública em rádios portuguesas.

Estudo comparativo de dois programas de opinião pública na rádio

Aproveitando algumas das reflexões realizadas em pontos anteriores, conferimos protagonismo a dois programas de opinião pública emblemáticos da rádio portuguesa: *Antena Aberta*, da Antena 1, e o *Fórum TSF*, da TSF - Rádio Notícias. Inscritas no panorama radiofónico nacional, poderíamos sumariamente distinguir estas rádios quanto ao regime de propriedade ao qual estão vinculadas. A Antena 1 é uma rádio pertencente à empresa de comunicação social estatal RTP (Rádio e Televisão Portuguesa), fundada em 1977. Por sua parte, a TSF - Rádio Notícias iniciou a sua actividade em 1987, pertencendo à empresa privada Controlinveste, que detém outros títulos na imprensa portuguesa (Record, Diário de Notícias, Açoriano Oriental, entre outros) ou na televisão nacional (Sport TV).

Definido o enquadramento das rádios no âmbito do regime de propriedade ao qual estão ligadas, procederemos de seguida à descrição do estudo comparativo relativo aos programas referenciados. A observação respeitou a existência de determinados critérios, definidos para estabelecer um registo coerente na análise comparativa. Desta forma, o período de observação resume-se aos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de Abril de 2011, isto é, abrange uma semana de emissões regulares.

Antes de partir para a constatação dos factos que subjazem os critérios definidos para a comparação entre programas, convém provavelmente assinalar alguns detalhes que podem explicar os dados recolhidos. O período de observação, note-se, acaba por ser reduzido para uma comparação absolutamente fidedigna e sintomática quanto às proximidades e diferenças dos dois formatos radiofónico de intervenção do cidadão, possivelmente pela variabilidade na gestão dos programas e dos temas debatidos. E é precisamente nos



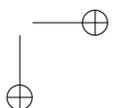
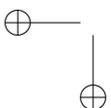
temas discutidos nesta semana que algum *viés* pode ter sido introduzido. A situação de Portugal, sobretudo nos planos político e económico, tem sido alvo de constante foco mediático, nomeadamente com a crise política que se instalou com a demissão do Governo português e o consequente pedido de ajuda externa às entidades financeiras internacionais. O nosso estudo atravessou, portanto, todos estes condicionalismos e poderá ter eventualmente sido contaminado por esta sucessão de incidentes. Inclusivamente na escolha dos convidados para debate, a actualidade nacional acabaria por induzir de certo modo a proveniência desses intervenientes.

Na verdade, o estilo destes programas acaba por ser um pouco refém da actualidade da praça pública, pelo que o debate mais ou menos insistente em questões do foro económico, político e social não constitui necessariamente uma surpresa. No entanto, parece-nos justo assinalar que as reflexões que aqui se produzem podem indicar tendências, exprimir lógicas demarcadas de cada programa, constituindo matéria de pertinência para um eventual estudo mais alargado e profundo quanto à definição do período de tempo analisado.

CrITÉRIOS utilizados para estabelecer a comparação entre os dois programas

Horário

Não há diferenças significativas relativamente ao período reservado para as emissões dos programas. Ambos transmitem durante a manhã, embora com ligeiras *nuances*, designadamente quanto ao início e duração. O programa *Antena Aberta* começa logo após o noticiário das 11h da Antena 1 e prolonga-se até bem perto das 12h, para dar lugar a novo bloco informativo. O *Fórum TSF*, por outro lado, inicia-se por volta das 10h15, depois das notícias das 10h. Tal como o programa anterior, a emissão do Fórum é interrompida para o novo noticiário, neste caso o das 11h, no entanto prossegue normalmente até nova edição do noticiário marcado para o meio-dia. Em termos médios, o *Antena Aberta* durará cerca de 50 a 55 minutos, enquanto o *Fórum TSF* ocupa cerca de uma hora e quinze minutos de antena.



Disponibilização do programa

Ambas rádios disponibilizam os seus programas de forma bastante rápida. Tendo em conta que as emissões têm lugar pela manhã, geralmente na tarde desse próprio dia é possível consultar o arquivo de programas com a respectiva edição, quer através dos *sites*² ou então na secção de *feeds*³ dos programas, através do formato *mp3*.

Moderação

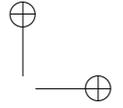
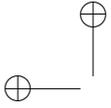
Neste ponto, observámos mais um traço comum entre os dois programas, uma vez que é sempre um jornalista a moderar o debate. A natureza jornalística dos programas poderia justificar esta escolha, no entanto, a presença de um jornalista, elemento neutro na moderação, poderá contribuir para uma certa idoneidade do programa, embora esta constitua já uma questão lateral ao estudo. No *Fórum TSF*, em termos permanentes, o programa é conduzido pela jornalista Margarida Serra, enquanto no *Antena Aberta*, a apresentação está a cargo ora da jornalista Eduarda Maio, ora de António Jorge, variando temporalmente.

Transmissão

Existem algumas especificidades relativamente à transmissão em directo do *Antena Aberta*, o que configura, na verdade, uma opção interessante. Este programa nasceu na rádio, contudo, mais recentemente, a produção decidiu apostar na transmissão em simultâneo com a RTP-N, o canal de televisão por cabo de notícias da emissora estatal RTP, exclusivamente dedicado à informação. Tal facto sucede, logicamente, da complementaridade entre rádio e televisão, agregadas na empresa pública RTP. Porém, na emissão transmitida

2. *Antena Aberta* - http://tv1.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=1040&e_id=&c_id=1&dif=radio
Fórum TSF - http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=1827724&tag=F%F3rum%20TSF

3. *Antena Aberta* - http://ww1.rtp.pt/web/podcast/gera_podcast.php?prog=1040
Fórum TSF - <http://feeds.tsf.pt/TSF-ForumTSF>



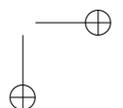
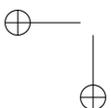
por televisão, o telespectador tem acesso a mais informações que o ouvinte. No ecrã surgem informações sobre os números de telefone e o endereço electrónico dedicados para participar, além de informações relativamente à idade dos intervenientes por telefone, informações que passa em claro a quem assiste ao programa pela rádio, sobretudo pela ausência de referência por parte do moderador. Paralelamente à emissão da rádio, é possível acompanhar através do site da RTP, no endereço já referido. Na TSF, a emissão segue apenas os procedimentos habituais para uma emissora exclusivamente radiofónica, com a possibilidade de acompanhar a edição na página do Fórum, no endereço igualmente referenciado.

Normas de participação

Neste ponto observámos igualmente pontos discordantes. Frequentemente algumas instituições jornalísticas são acusadas de não promoverem uma formação para a participação, isto é, não são claramente referidas as condições e as regras subjacentes à intervenção dos cidadãos. No *Antena Aberta*, através de uma pesquisa na página do programa, não existe qualquer referência a este tema, enquanto no *Fórum TSF* as indicações são públicas no *site* do programa. Além de informar que nem todos os comentários *online* e inscrições via telefone podem entrar na antena da rádio - tal como teremos oportunidade de verificar mais à frente - as regras de intervenção no Fórum são claras:

«A TSF lembra que devido ao elevado número de participantes no Fórum, nem todas as opiniões aqui deixadas poderão ser lidas em antena. O Fórum TSF Online tem uma política de gestão de comentários mais restrita que nos restantes espaços de comentário disponíveis no site da TSF. Como tal, e em linha com as regras adoptadas para a sua emissão na antena, lembramos que: os comentários no Fórum TSF Online devem ser sempre identificados com um primeiro e último nomes; comentários anónimos nunca serão lidos em antena; comentários que contenham linguagem imprópria, obscena e difamatória, insultos, acusações de carácter criminal quer a pessoas quer a empresas, violações da vida privada, incitações ao ódio ou à violência ou que preconizem violações dos direitos humanos serão apagados deste espaço.»⁴

4. http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=1835313&tag=F%F3rum%20TSF



Apelos à participação

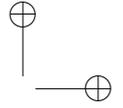
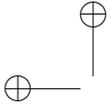
As opções divergem novamente neste ponto, no que toca às indicações expressas quer na antena da rádio, em directo, ou através dos recursos *online*, que apelam à participação dos ouvintes. Com efeito, é na antena da TSF que esses apelos são feitos de forma mais insistente e permanente, lembrando aos ouvintes as possibilidades de intervenção (descritas no *item* seguinte), enquanto que no *Antena Aberta*, via rádio, esses apelos ficam um pouco omissos ao público. No universo *online*, os apelos encontram outro tipo de expressão. No *site* da TSF, na página dedicada ao Fórum, encontram-se expressões como «no Fórum queremos ouvir a sua opinião» ou mesmo incentivos à participação *online*: «comente aqui». No *site* do *Antena Aberta*, a produção apenas refere que «na Antena 1 a opinião dos ouvintes tem bastante valor. Diariamente, o programa "Antena Aberta" propõe um tema actual e relevante que é analisado por especialistas e ouvintes da Rádio pública. a "Antena Aberta" é um espaço plural e com mais tempo para registar a opinião dos ouvintes».

Plataformas de participação disponibilizadas

Um dos pontos chave para entender a dinâmica da participação nos dois formatos consiste em identificar o conjunto de possibilidades de intervenção do ouvinte, definidas em sede de produção do programa. Mais uma vez, as opções divergem. No *Antena Aberta* existem apenas duas formas de intervenção por parte do ouvinte, entre os números de telefone sugeridos para a inscrição (800 220 101 / 223 399 912) e o e-mail (antena.aberta@rtp.pt). Por outra parte, o *Fórum TSF* não disponibiliza um *e-mail* próprio para receber comentários, contudo amplia outras opções de participação, através do telefone (808 202 173), a página do Facebook da TSF e o comentário no Fórum online⁵ da página do programa. Parece claro que o *Fórum TSF* acrescenta outras possibilidades de intervenção do ouvinte, sobretudo através de uma aproveitamento mais eficaz das plataformas existentes no próprio *site* e na rede social Facebook. Note-se que a participação *online*, neste contexto, é realizada através dos comentários deixados pelos participantes nas plataformas já referidas.

Na verdade, nem todos os comentários são escolhidos para integrar a emissão em directo, uma vez que a jornalista se responsabiliza pela leitura

5. <http://www.tsf.pt/PaginaInicial/tag.aspx?tag=F%F3rum%20TSF>

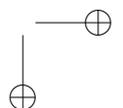
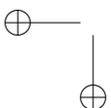


de algumas dessas contribuições, através da identificação do participante e da plataforma de onde interveio, uma opção em exclusivo do *Fórum TSF*. Por sua vez, o *Antena Aberta* dedica-se quase exclusivamente ao telefone como meio de interacção com o público, apenas disponibilizando um correio electrónico específico, mas com reduzido aproveitamento no debate do programa, tal como poderemos ver de seguida.

Temas e convidados presentes no debate

Tendo em conta as advertências realizadas no início deste estudo comparativo, ao nível da eventual contaminação dos temas em debate durante a semana de observação, sintetizamos neste ponto o conjunto de assuntos e matérias tratadas durante as emissões observadas e a presença ou ausência de convidados no programa. De facto, a situação económica de Portugal na actualidade acabou por ter um reflexo decisivo na escolha dos temas em debate, em ambos programas. A crise política de Março de 2011 motivada pela demissão do primeiro-ministro, José Sócrates, e a consequente dissolução da assembleia por parte do presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, anteciparam um pedido de ajuda financeira a entidades internacionais tendo em vista a resolução dos problemas de endividamento nacionais e a pouca capacidade de financiamento do Estado português. Em breves traços, a referida moldura social, política e económica condicionou a escolha dos temas nesta semana de observação.

Neste sentido, observamos que em ambos casos, os temas do âmbito político, económico e social, relacionados com a conjuntura portuguesa atrás descrita, dominaram claramente o espectro dos debates nesta semana. No *Antena Aberta* e de acordo com as próprias indicações da produção, de segunda a quinta-feira foram discutidos temas como “O que espera das escolhas dos partidos?”, “Que medidas vão ser impostas a Portugal em troca do empréstimo?”, “Que margem negocial tem o país na obtenção do empréstimo externo?”, “Crescem as vozes contra a ajuda externa a Portugal, sobretudo nos países mais ricos e conservadores da Zona Euro: Alemanha, Holanda, Finlândia. O modelo económico português foi vítima dos fundamentalismo dos mercados”, respectivamente. Na verdade, torna-se bastante arduosa a tarefa de separar os temas por áreas, uma vez que a amplitude dos assuntos se estende a diversas esferas da realidade social, desde a política ou até abor-



dando questões sociais e económicas. Na sexta-feira discutiu-se, porém, o sucesso de diversas equipas de futebol nacionais com o tema “Portugal em maioria absoluta nas meias finais da Liga Europa”, aproveitando os resultados positivos dos clubes portugueses na competição internacional Liga Europa da UEFA, na presente época desportiva. Apesar de difícil definição sintomática, podemos concluir que na semana de *Antena Aberta* houve três temas de debate relacionados com economia e finanças, um sobre política partidária nacional e outro sobre futebol. No *Fórum TSF*, a situação apresenta-se de forma idêntica. Repetindo a dificuldade na separação clara dos temas, registámos dois temas de natureza política (“Há ou não espaço para uma cidadania à margem dos partidos?” – segunda-feira; “A necessidade de um entendimento político”, na quarta-feira), outros dois de âmbito económico-financeiro (“O futuro e a forma de evitar nova crise” – terça-feira; “As consequências da crise”, na quinta-feira) e um sobre futebol, com o tema “O sucesso dos clubes portugueses na Europa”, na edição de sexta-feira.

Em relação aos convidados existe um conjunto de opções distintas. Os resultados obtidos através dos cinco programas analisados indicam que o *Antena Aberta* recorre a um maior número de convidados (13), mais dois do que se verificou no *Fórum TSF*. No primeiro, parece de algum modo que os convidados dispõem de mais tempo para intervir, uma opção que depois se reflecte no número reduzido de ouvintes que intervêm na emissão, como iremos analisar no ponto seguinte. Já no *Fórum TSF*, embora não tenha sido feito um estudo pormenorizado desta questão, dá a sensação de que os convidados intervêm num tempo mais reduzido. Convém não esquecer que a duração deste programa é ligeiramente mais extensa que o da Antena 1. Precisamente no *Antena Aberta* e em relação à origem desses convidados que ali intervieram, registou-se a presença mais notada de quatro professores universitários, fundamentalmente de economia e finanças, três jornalistas (Diário Económico, Record e A Bola), três comentadores políticos da rádio. Nos menos representados, um economista, um sociólogo e um político. Curiosamente, a mesma tipificação de convidados, se assim poderíamos designar, repete-se no *Fórum TSF*, com algumas diferenças, apenas: cinco professores universitários, novamente das áreas da economia e finanças, dois comentadores da rádio (política

e desporto), um jornalista (editor de desporto da TSF), um sociólogo, um economista e um político⁶.

Ainda sobre a presença de profissionais do jornalismo em espaços de opinião pública, mais concretamente no papel de convidados, estudos como o "Jornalismo televisivo e cidadania: os desafios da espera pública digital"⁷ denunciaram a presença frequente de jornalistas⁸ nos espaços deste género. Neste caso, verificamos igual tendência, embora em menor expressão, contudo não deixa de ser um sector privilegiado para intervir nestes círculos, o que motivaria naturalmente outras reflexões.

Ouvintes e participantes no programa⁹

Neste ponto descreveremos a amostra de participantes em ambos programas, na semana dedicada à observação, em termos de uma caracterização sócio-demográfica, ao nível do sexo, localidade e profissão. Por participantes entendemos o conjunto de ouvintes que, pelas mais diferentes formas, intervieram, de facto, nos programas via telefone em directo ou via *Web*, sempre que as suas intervenções foram igualmente trazidas para debate.

O número de participantes recolhido nesta semana de observação é bastante distinto em ambos programas. No *Antena Aberta*, em cinco dias de emissão, participaram efectivamente 38 pessoas, enquanto no *Fórum TSF* o número foi exactamente o triplo, isto é, chegou aos 114 ouvintes e participantes, sendo que não houve registo de repetições em nenhum dos casos. A distribuição em termos de género é igual nos dois formatos, uma vez que se registou um maior número de homens do que de mulheres. No programa da *Antena 1*, registámos 28 homens para apenas 10 mulheres. No *Fórum TSF*,

6. Nas edições de segunda e quinta-feira, houve dois convidados que curiosamente intervieram em ambos os programas, no caso professores universitários da área da economia.

7. <http://www.comunicacao.uminho.pt/cecs/content.asp?startAt=2&categoryID=672&newsID=2060>

8. http://www.jn.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1759341

9. Uma pequena nota importante a ter em conta: a transmissão em simultâneo do programa *Antena Aberta* através da rádio Antena 1 e da estação de televisão RTP-N conduziu a um pequeno dilema metodológico. Neste caso, a observação registou e analisou os dados retirados através da emissão radiofónica, no entanto desconhecemos, de facto, se os participantes analisados eram, de facto, ouvintes ou telespectadores. Contudo, julgamos que tal não compromete a caracterização dos participantes do programa.

registou-se um desequilíbrio ainda mais notório, com apenas 8 mulheres contabilizadas, perante 106 participantes masculinos¹⁰.

Em relação à localidade¹¹ dos participantes, é interessante verificar algumas diferenças entre os dois programas, tal como indica o Mapa 1¹². Além do predomínio claro dos participantes das zonas litorais (28 em 36 no caso do *Antena Aberta*; 55 em 67, no *Fórum TSF*), verificámos uma inexistência de intervenções das regiões autónomas da Madeira e dos Açores, excepção apenas para um ouvinte madeirense que interveio no *Antena Aberta*. Os distritos mais a sul de Portugal Continental (Faro e Beja) são igualmente pouco representados no programa da Antena 1 ou ausentes no Fórum. Por outra parte, os distritos colocados na fronteira centro e norte com Espanha não estão representados no *Antena Aberta*, sendo que no *Fórum TSF* existe um conjunto significativo de ouvintes e participantes dessas regiões.

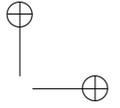
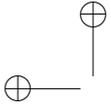
Os dados podem eventualmente ser enganadores, na medida em que o tema em debate pode claramente condicionar a proveniência das audiências. Neste sentido, o sucesso de duas equipas de futebol do norte do país motivou não apenas o assunto do dia em ambos programas, como conduziu a um significativo acréscimo de participantes dessas regiões. Muito provavelmente, na ausência de tal facto teríamos observado um cenário ainda mais atomizado de participantes das regiões de Lisboa e Porto, onde aliás estão em maioria¹³.

10. Na verdade, estes dados só vêm justificar e dar pertinência a outros recolhidos no âmbito de uma investigação intitulada 'A rádio e os ouvintes: a fórmula de uma relação bipolar' (Ribeiro, 2008), na qual se concluiu que no Fórum da TSF havia uma tendência para encontrar um maior número de participação masculina do que feminina.

11. Não foi possível identificar a localidade de 2 participantes no *Antena Aberta* e outros 3 no *Fórum TSF*. Sendo assim, temos um total de 36 e 67 intervenientes, respectivamente. Relembre-se que os ouvintes e participantes via *online* ficam de fora em ambas representações gráficas, uma vez que a produção não revela essas informações.

12. Convém assinalar que os participantes via *Web* do *Fórum TSF* não indicavam a localidade nem a profissão, pelo que ficaram fora deste tratamento estatístico. No Mapa 1 estão assinalados a vermelho o número de participantes em cada distrito onde foi registada a intervenção de cada indivíduo. Os distritos sem qualquer anotação não apresentam qualquer caso registado.

13. Se optarmos por juntar os dois mapas, poderíamos dizer que 57 dos 103 participantes registados é destas regiões. No *Antena Aberta*, é Lisboa quem predomina. Porém, o distrito do Porto lidera no *Fórum TSF*.



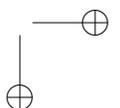
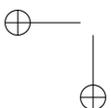
No âmbito das profissões dos participantes¹⁴, encontramos algumas similitudes. No *Antena Aberta* foram contabilizadas onze tipos de profissões, sendo que as três mais representativas foram empresário (5), professor (4), estudante e engenheiro (ambos com 3). No *Fórum TSF*, as três profissões mais registadas foram, novamente, empresário (10), vendedor (5), engenheiro e funcionário público, ambos com 4 ouvintes, num total de 34 profissões elencadas. Ainda que os dados veiculados pela produção sejam escassos para a caracterização plena desta amostra de participantes em termos da sua ocupação profissional, poderíamos eventualmente sugerir que, em termos gerais, o participante-tipo apresenta uma formação universitária superior, embora admitamos este cenário com as naturais reservas de uma observação imprecisa neste contexto.

Participação dos ouvintes no programa

Após termos caracterizado a amostra de participantes nesta semana de observação, nos termos de género, localidade e profissão, podemos eventualmente contribuir para analisar, por exemplo, a evolução diária das plataformas de intervenção utilizadas nos programas. Traçando novo paralelismo entre os dois programas, podemos tentar compreender a evolução diária de participantes em cada programa.

Tal como refere o gráfico 1, observemos a progressão diária do número de participantes em cada dia dedicado à observação. Parece que existe um número mais estável de participantes no *Antena Aberta*, que praticamente varia de cinco a doze intervenientes. Já no *Fórum TSF*, a oscilação é, de facto, maior, de onze participantes como mínimo registado na quinta-feira até aos 35 no dia seguinte. Na Antena 1, o número simplesmente duplicou, enquanto na TSF mais do que triplicou (11 para 35 ouvintes participantes). Um dado que pode estar relacionado com um certo estereótipo nacional, na medida em que frequentemente se associa ao povo português um gosto particular por este desporto, pelo que poderíamos eventualmente destacar esta característica, en-

14. Convém sublinhar que na participação no Antena Aberta, a produção não divulgou a profissão de 16 dos 38 participantes. Já no Fórum da TSF, excluindo a participação *online* que não referia o *status* profissional, não foi possível apurar a profissão de 2 dos 70 ouvintes e intervenientes.



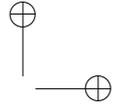
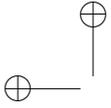
raizada numa acepção com maior ou menor grau de validade científica, como justificação para tal verificação.

A possibilidade de multi-plataformas de participação no *Fórum TSF* trouxe a este estudo comparativo uma vantagem, acompanhada, porém, de um ponto limitativo. Ora, em termos de paralelismo entre os dois formatos, não será possível estabelecer um retrato comparado no ponto de vista da abertura à participação através do universo *online*, uma vez que no *Antena Aberta* não existiu qualquer intervenção *online* feita pelos ouvintes, nesta semana de observação. No entanto, podemos aproveitar alguns dados retirados da referida intervenção *online* dos ouvintes no *Fórum TSF* e compreender as lógicas do programa neste segmento.

Deste modo, circunscrevemos a nossa análise ao *Fórum TSF*, na ausência de outros dados comparativos do outro programa em questão, atendendo à distribuição de género pelas duas formas de participação, telefone e Web, tal como refere o gráfico 2. Partindo da constatação já referida de uma maior participação masculina que feminina, em ambos segmentos de intervenção observámos que o telefone foi o meio de participação mais utilizado pela produção para chamar a si a contribuição dos ouvintes da rádio. Os nossos resultados indicam que as mulheres preferem os dispositivos *online* para tentar intervir, perante apenas uma interveniente através do telefone¹⁵.

Restringindo ainda a nossa análise ao segmento *online*, já mencionámos a dupla possibilidade de intervenção no *Fórum TSF*, através da página *online* dedicada ao 'Fórum online' e igualmente na página do Facebook da rádio. Pouco antes do início do programa, a produção coloca uma informação no mural do Facebook com a apresentação do tema e apelando, inclusivamente, à participação dos ouvintes nesse contexto. Como revela o gráfico 3, procedemos novamente à distribuição de género de acordo com as duas referidas plataformas de interacção com o programa. Através dessa análise gráfica, percebemos uma maior apetência pela participação no Fórum online, no que se refere ao conjunto global dos participantes via *Internet*. No Facebook, a presença masculina regista-se novamente em maior escala, com 9 participações, para 2 femininas.

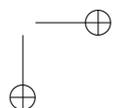
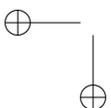
15. Sublinhamos, contudo, que as opções editoriais do programa, no que concerne à selecção dos participantes, configuram os presentes resultados, pelo que as conclusões dependem inexoravelmente dessa circunstância.



No *Fórum TSF*¹⁶ constatámos igualmente a evolução diária do número de intervenções dos participantes através das duas possibilidades já referidas, de acordo com o gráfico 4. Além de novamente percebermos a subida no número de intervenções de quinta para sexta-feira, sublinharíamos o nível reduzido de intervenções, quer pelo telefone, quer pela *Web*, na emissão de quinta-feira, sobretudo em linha de conta com os recentes desenvolvimentos da crise política nacional que obrigaram o programa daquele dia a interromper a sua emissão para um determinado directo. De facto, a mobilização dos cidadãos e consequente aproveitamento dos seus contributos dependerá rigorosamente de factos inesperados, acontecimentos imprevistos que obriguem a produção a abrir outros espaços informativos. Em ambas vias de participação, registou-se uma tendência para um progressivo decréscimo de intervenientes, exceptuando a referida subida abrupta no último dia.

Ainda no programa da TSF analisado, já sublinhamos que em diversas situações a gestão feita pela produção pode eventualmente esconder tendências de participação, nomeadamente no que toca ao género ou mesmo nas plataformas mais concorridas para intervir. Apesar de não termos tido acesso ao número total de inscrições no *Fórum TSF* (em igual circunstância no *Antena Aberta*) e podermos confrontar com o aproveitamento real dos ouvintes e participantes na antena, foi possível, porém, aceder ao total de comentários obtidos no Fórum online e na página do Facebook da rádio. A partir deste ponto, foi possível traçar um paralelismo em relação ao número de comentários lidos na antena da rádio durante o programa, tal como faz referência a tabela 1. Tal como sucede com as inscrições pelo telefone, as limitações de tempo obrigam a que nem todos os comentários presentes nas plataformas *online* passem para a antena, isto é, o aproveitamento dificilmente será de 100%. Partindo desse importante pressuposto, constatámos que existiu, como evidencia a tabela 1, um nível de comentários mais elevado no Fórum online, uma preferência que depois se traduz no aproveitamento das contribuições ali deixadas para o programa, ligeiramente superior aos comentários na rede Facebook. Para ser mais preciso, contabilizámos uma taxa de aproveitamento de comentários no Fórum online de 11,3%, no entanto, apenas duas décimas acima da registada no Facebook (11,1%).

16. Provavelmente por uma razão quase ontológica da própria rádio e da natureza do programa em questão, poderíamos sublinhar que a gestão do programa dá evidentemente maior relevo ao telefone como meio preferido para o contacto com os ouvintes e participantes.



Leituras finais

Parece de certo modo lógico sugerir que a actualidade da rádio terá de sintonizar-se irremediavelmente com novos ambientes sonoros digitais. Se a crise significa necessariamente oportunidade de repensar o modelo presente em que a rádio trabalha, legítimo será considerar que o futuro deste *media* não se pode desligar deste novo ecossistema. Nos outros segmentos dos *media*, o fenómeno digital impacta igualmente e obriga a reconsiderações frequentes sobre o modelo de negócio e os próximos anos vão trazer necessariamente mais dados sobre este assunto.

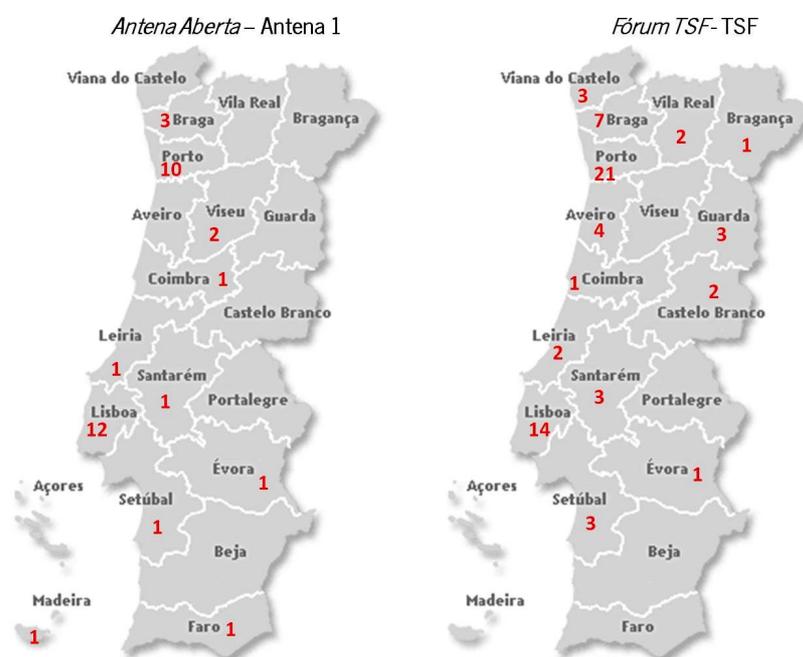
Reconhecendo que a aposta no universo digital pode capacitar, de facto, novos públicos tendo em vista maiores níveis de participação, é igualmente interessante verificar as distintas opções que diversos programas radiofónicos têm utilizado no segmento da auscultação da opinião pública nas suas antenas. O *Antena Aberta*, ligeiramente mais conservador que o *Fórum TSF*, demonstra que uma rádio tem necessariamente que depender de outras contribuições que ultrapassam o telefone. Não será de estranhar, por conseguinte, que o nível de participação naquele programa seja exactamente três vezes menor, comparativamente ao programa da concorrência. Ainda assim, parece claro que o telefone continua a ser o meio preferido para reunir as intervenções dos cidadãos nestes contextos e, não obstante os diversos ecossistemas digitais, a rádio deve manter-se fiel a algumas das suas raízes, sob o risco de perder parte da sua essência.

Se a crise radiofónica explica uma certa homogeneização dos formatos, tal como observámos, não será portanto surpreendente verificar que os dois programas seguiram lógicas muito próximas, relativamente aos temas e convidados escolhidos. Provavelmente, este facto responsabiliza a caracterização geográfica e profissional igualmente aproximada da amostra de participantes. Num último ponto comparativo, é interessante perceber as lógicas de participação francamente associadas ao digital no *Fórum TSF*, em comparação com o pouco incentivo às mesmas no *Antena Aberta*, dois entendimentos distintos, portanto.

Fazer rádio é igualmente fazer negócio, como qualquer outro ramo de actividade dos *media* e recolherá eventualmente mais consenso nesta época de dificuldades económicas. Rejeitar este enquadramento representa uma alienação irresponsável pela actualidade. Desta forma, como símbolo de fidelização

de audiências, de compromisso como diversos públicos, trabalhar com responsabilidade no contexto dos programas de opinião pública assume-se claramente como uma oportunidade importante e decisiva.

Gráficos, figuras e tabelas



Mapa 1 – Distribuição dos participantes por distritos.

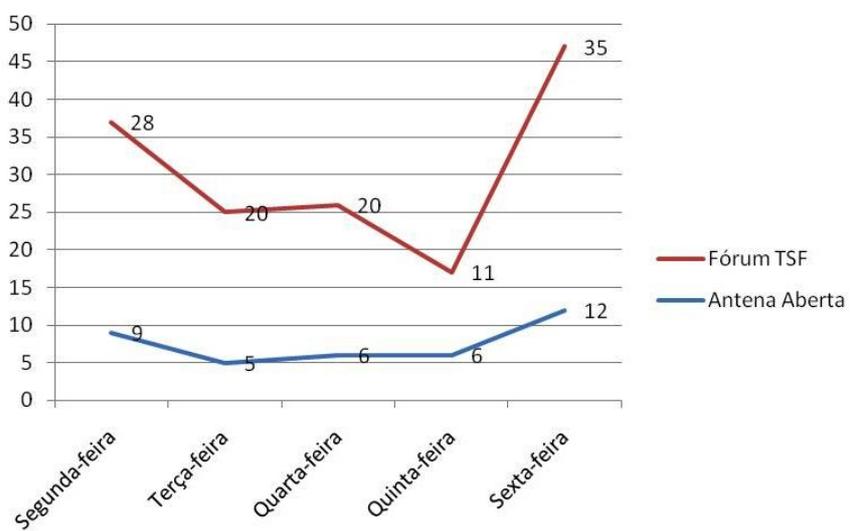


Gráfico 1 – Evolução diária dos participantes nos dois programas.

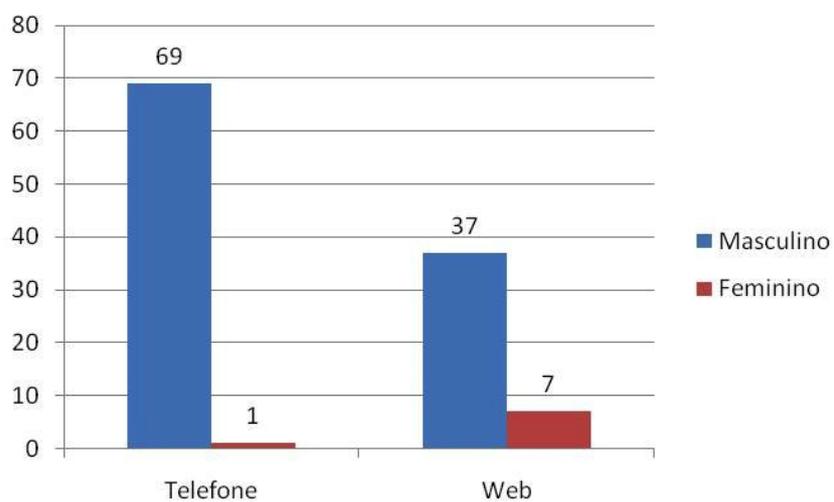


Gráfico 2 – Distribuição de género pelas duas formas de participação no *Fórum TSF*.

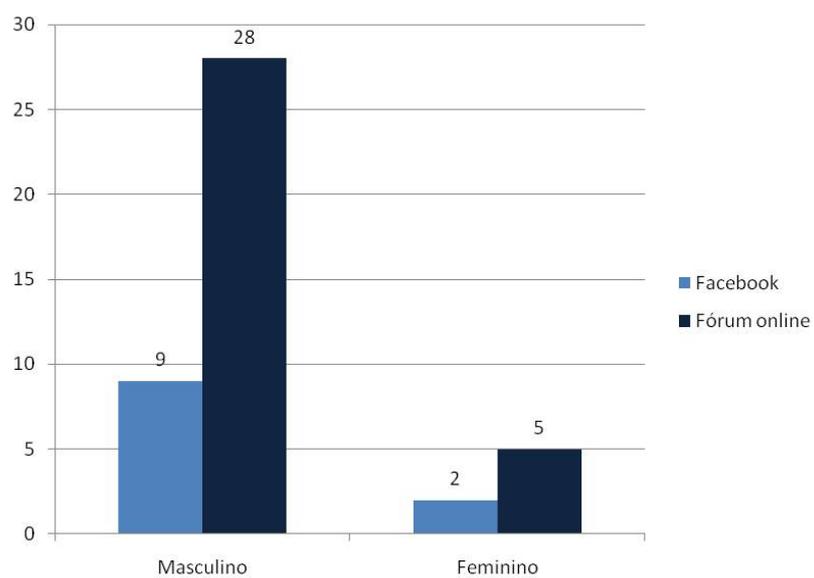


Gráfico 3 – Distribuição de género de acordo com as plataformas *online* disponíveis para intervir no *Fórum TSF*

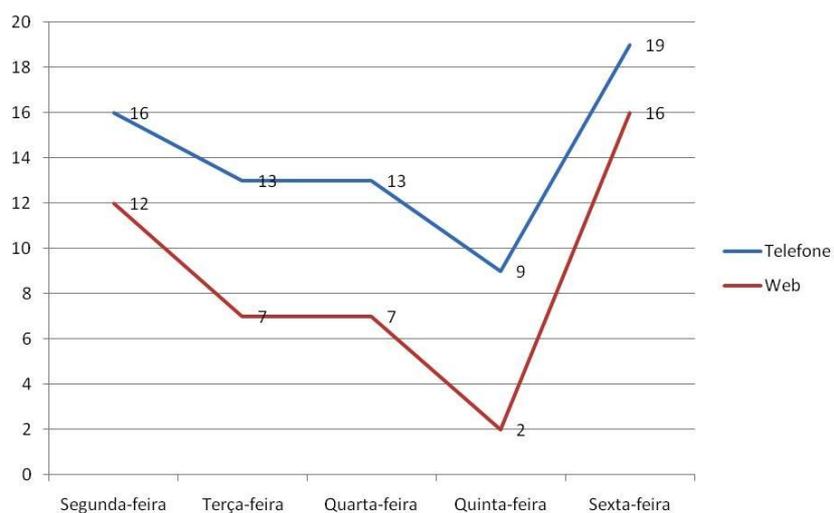


Gráfico 4 – Evolução diária das intervenções via telefone e Web no Fórum TSF

	Comentários Facebook (total dia)	Comentários Facebook (directo)	Comentários Fórum online (total dia)	Comentários Fórum online (directo)
Segunda-feira	21	3	94	9
Terça-feira	22	3	54	4
Quarta-feira	28	3	49	4
Quinta-feira	20	1	62	1
Sexta-feira	6	1	33	15
Total	99	11	292	33

Tabela 1 – Total de comentários realizados nas plataformas online e aproveitamento na emissão em directo no Fórum TSF

Referências bibliográficas

- BALSEBRE, Armand, *El lenguaje radiofonico*. Madrid, Cátedra, 1994.
- CÉBRIAN HERREROS, Mariano, *La radio en la convergencia multimédia*, Barcelona, Gedisa, 2001.
- CÉBRIAN HERREROS, Mariano, *Modelos de rádio, desarrollos e inovaciones – del diálogo a la interactividad*, Madrid, Fragua, 2007.
- GAGO, Laurent, *La radio sur Internet : approche de l'innovation par l'étude des représentations et des services en ligne. Le cas de Ouï Fm.com et de Diora.com*. (Disponível em: <http://www.grer.fr/article16.htm>, acessado em 05-07-2010), 2004.
- GARCÉS, Raul, *La crisis de los discursos radiofónicos*. En *Revista Latina de Comunicación Social*, nº62 pp.17-20 (Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/200719RaulGarces.htm>, acessado em 9-03-2010), 2007.
- IBARRA, Jon, *Transformaciones de la radio y la televisión en Europa*. Servicio editorial de la Universidad del País Vasco (upv-ehu), Zarautz, 2007.
- MERAYO PÉREZ, Arturo, *Para entender la rádio – estrutura del processo informativo radiofónico*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2000.
- PUTNAM, Robert, *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. Nova Iorque, Simon and Schuster, 2000.
- RIBEIRO, Fábio, *A rádio e os ouvintes: a fórmula de uma relação bipolar* -Dissertação de Mestrado, Braga, Universidade do Minho, 2008.
- RODERO, Emma. & SÁNCHEZ, Chelo, *Radiografía de la radio en España*. *Revista Latina de Comunicación Social*, nº 62. Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/200714RoderoySanchez.htm>, Acessado em 02-04-2010), 2007.